

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garret
Romances de Renascença



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garret

Romances de Renascença

Publicado originalmente em 1826.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 446



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: *“Romances de Renascença”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

BERNAL-FRANCÊS.....	1
NOITE DE SÃO JOÃO	9
O ANJO E A PRINCESA.....	12
O CHAPIM DEL-REI OU PARRAS VERDES.....	18
ROSALINDA.....	26
MIRAGAIA.....	31
POR BEM - AS PEGAS DE SINTRA.....	49
NOTAS.....	55

ROMANCEIRO: ROMANCES DE RENASCENÇA

I

BERNAL-FRANCÊS

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a cena tão dramática com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os caracteres de poesia primitiva e grande de um povo heróico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao sério, como a nossa era. Estou que é originariamente português: não aparece em nenhum dos Romanceiros castelhanos, nem na vasta coleção de Ochoa. – O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, dá-lo- ei no lugar competente, segundo lho talhei no prefácio deste volume, e demandava o sistema da minha compilação: e aí se vejam as conjecturas que tenho feito sobre esta preciosa relíquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiador inglês, tendo lido a Adozinda e o Bernal, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo mr. Adamson, o biógrafo de Camões: “que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma daquelas canções irlandesas que ele até ali tivera na conta de serem os vestígios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oeste da Europa.”

Comunicando- me esta reflexão, tão lisonjeira para um coletor entusiasta de antigualhas, mandou- me o sr. Adamson a tradução inglesa. (...)

No Verão de 1840, quando aprontei para a presente edição esta parte do volume, dediquei o Bernal- Francês a uma jovem senhora, que juntava a outras admiráveis qualidades a de possuir, no mais eminente grau que ainda encontrei, o sentimento do belo, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido dentre todas as minhas escreveduras poéticas: consagrei- lho... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memória de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e empenho era que eu fizesse uma verdadeira epopeia, e me deixasse destas coisas que nunca podiam passar de bonitinhas. A perda de D. Sebastião em África era o assunto que me dava: dizia – e dizia bem – que devia ser o reverso da medalha dos Lusíadas, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portugueses depois daquele. Ponho isto aqui para comentário dos versos que se seguem, e que aliás não seriam entendidos.

15 de Outubro de 1842

A ADÉLIA

Tu queres, amiga que eu deixe
Minha harpa no chopo do monte,
Que nem sempre me chore e queixe,
Que seja poeta... a cantar!
Que da brava inculta devesa
Me não fique pasmado à fonte
A admirar só a natureza,
Sem um brado de glória alçar!
Na escarpada selvática brenha
Não se colhem senão rudes flores,
Bem o sei – crescem-lhe hirtas na grenha,
São singelas De folha e de cores,
Não se toucam as belas
Com elas: Não se enfeitem jardins de formosas
Com mosquetas bravias e rosas!

– Vê o nobre, magnífico traço
Do regrado edifício de Homero,
Do mavioso Virgílio, do Tasso!
(Dizes tu, maga musa de amor)
“E ora terno e mavioso, ora fero;
Já sublime, já doce – o cantor
De Inês bela, feio Adamastor.
Como erguendo, campeia, a alta frente
Sobre todos os vates do Pindo!”
– Vejo, oh! vejo, que esta alma ardente
Já nos voos andou seguindo
Essas águias mais remontadas...
Hoje é abelha, aí anda zumbindo
Por entre agras, singelas flores,
Desalinhas: Mas são flores que nascem na serra
Onde todo o seu mundo se encerra,
Porque aí tem – o seu bem – seus amores.

Benfica, 12 de Maio de 1840

BERNAL-FRANCÊS

I

Ao mar se foi D. Ramiro.

Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros.
Na alta popa tremulava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vai ralado;
Com tantos anos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem há dama em toda a Espanha
Tão bela como é Violante;
Não a houvera igual no mundo
Se ela fora mais constante.

Bate o mar na barbacã
Do castelo alevantado,
Só a vela 14 na alta torre
Não cede ao sono pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silêncio ao redor;
Dobra o recato nas portas
Com a ausência do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se vê luz numa seteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

Muitas coisas que passaram;
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, à mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
Que tal fiel prometeu
De guardar a seu senhor
Juramento que lhe deu?

Saberá, não saberá:
Mas a c'ravela ligeira,
Que ao pé da torre varada
Jazia ali na ribeira.

Vigia.

Uma noite escura e feia
Na praia menos se achou...
Quem nela foi não se sabe,
Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
À mesma hora a brilhar...
Só a barca aventureira
Não foi vista hoje passar.

E dum lado ao pé da rocha
Havia um falso postigo:
Só o sabem D. Ramiro,
Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
Gente que o postigo entrava,
E à porta de Violante
Manso bater se escutava.

“Quem bate à minha porta,
Quem bate, oh! quem está aí?”
– “Sou Bernal- francês, senhora,
Vossa porta a amor abri.”

Ao descer do leito de oiro
A fina holanda rasgou,
Ao abrir mansinho a porta
A luz que se lhe apagou:

Pela mão tremente o toma,
Ao seu aposento o guia:
– “Como treme, amor querido,
Esta mão, como está fria!”

E com ósculos ardentes
E no seio palpitante,
Que lhe aquece as frias mãos
A namorada Violante.

– “De longe vens?”
– De mui longe.”
– “Bravo estava o mar?”

– “Tremendo.”
– “Armado vens!”
Não responde.

Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essência de rosas
O amado corpo banhou,
E em seu leito regalado
A par de si o deitou.

– “Meia-noite já é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me encobres teus pesares?”

“Se temes de meus irmãos,
Eles não virão aqui;
Se de meu cunhado temes,
Não é homem para ti.

“Meus criados e vassallos
Por essa torre a dormir,
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descobrir.

“Se de meu marido temes,
A longes terras andou:
Por lá o detenham Mouros,
Saudades cá não deixou.”

– “Eu não temo os teus criados,
Meus criados também são:
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

“De teu marido não temo
Nem tenho de que temer...
Aqui está ao pé de ti,
Tu é que deves tremer.”

II

E o sol já no oriente erguido
Da torre ameias dourava;

Violante mais bela que ele
Para a morte caminhava;

Alva tela áspera e dura
Veste o corpo delicado,
Por cintura rijo esparto
Em grosseiro laço atado.

Choram pajens e donzelas,
Que a piedade o crime esquece;
O próprio ofendido esposo
Com tal vista se enternece,

Dá sinal a campa triste,
O algoz o cutelo afia...
– “Meu senhor mereço a morte”
A malfadada dizia.

“De joelhos, D. Ramiro,
Humilde perdão vos peço;
Perdoai-me por piedade...
A morte não, que a mereço:

“Da afronta que vos hei feito
Por minha triste cegueira,
Dai-me quitação co'a morte
Nesta hora derradeira;

“Mas só eu sou criminosa
Do agravo que vos fiz,
Não tireis, senhor, vingança
Desse mísero, infeliz...”

Talvez ia perdoar-lhe
O esposo compadecido...
Renovou-se-lhe o ódio todo,
Daquele rogo ofendido:

O semblante roxo de ira
Para não vê-la torceu;
E co'a esquerda mão alçada
O fatal aceno deu.

Sobre o colo cristalino,

Desmaiado, e inda tão belo,
De golpe tremendo e súbito
Cai o terrível cutelo,

III

Oh! que procissão que sal
Da antiga porta da torre!
Que gente que acode a vê-la,
Que povo que triste corre!

Tochas de pálida cera
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia à sepultura:

Cobertos com seus capuzes
Rezam frades ao redor,
A dobrar desentoados
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
Já não há luz na seteira,
Mas passando e repassando
Anda a barca aventureira.

Linda barca tão ligeira
Que nenhum mar soçobrou,
O farol que te guiava,
Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,
O teu encanto tão belo,
Teve por ti feia morte,
Crua morte de cutelo,

Na igreja de São Gil
Ouves a campa a dobrar?
Vês essas tochas ao longe?
Ela que vai a enterrar,

Já se fez o enterramento,
Já caiu a lousa fria,
Só na igreja solitária

Um cavaleiro se via;

Vestido de dó tão negro,
E mais negro o coração,
Sobre a fresca sepultura
De rojo se atira ao chão:

– “Abre- te, ó campa sagrada,
Abre- te a um infeliz!...
Seremos na morte unidos,
Já que em vida o céu não quis.

“Abre- te, ó campa sagrada,
Que escondes tal formosura.
Esconde também meu crime
Com sua desventura.

“Vida que eu viver não quero,
Vida que eu só tinha nela,
Recebe- a, ó campa sagrada,
Que não posso já sofrê-la.”

E o pranto de correr,
E os soluços de estalar,
E a mão que leva à espada
Para ali se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tão medonha e tão fria,

Do sepulcro tão cortada,
Que as carnes lhe arrepiam
E a vida deixou parada:
– “Vive, vive, cavaleiro,
Vive tu, que eu já vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu só que a mereci.

“Ai, neste gelo da campa,
Onde tudo é frio horror,
Só da existência conservo
Meu remorso e meu amor!

“Braços com que te abraçava
Já não têm vigor em si;
Cobre a terra úmida e dura
Os olhos com que te vi;

“Boca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
Ai! só nesse não morri!

“Vive, vive, cavaleiro,
Vive, vive e sê ditoso;
E aprende em meu triste fado
A ser pai e a ser esposo.

“Donzela com quem casares
Chama-lhe também Violante;
Não amará mais do que eu...
Mas – que seja mais constante!

“Filhas que dela tiveres
Ensina- as melhor que a mim.
Que se não percam por homens
Como eu me perdi por ti.”

II

NOITE DE SÃO JOÃO

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam- me na saudosa memória as vagas reminiscências daqueles cantares tão graciosos com que, na minha infância, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de São João; estavam- me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder também na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me ver nele cedo: aqui está como e quando fiz esta cantiga.

Foi em São Miguel, as antenas dos nossos navios já levantadas para sair a expedição; – soltámo-las ao vento daí a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o sr. José Leite, cavaleiro dos mais distintos, e velho o mais amável que produziu o arquipélago dos Açores.

Também ali estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze anos, que prometiam arder ainda tanta noite de São João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cobriu a terra.

Faz hoje dez anos que aquilo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer. O romance é tão feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma ideia nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei lugar aqui.

Lisboa, 23 de Junho de 1842

NOITE DE SÃO JOÃO

Té os moiros da Moirama
Festejam a São João:
São João, São João, São João
Dai-me pêras do vosso balcão.

CANTIGA POPULAR

I

– “Meia-noite já é dada,
São João, meu São João,
Nesta noite abençoada
Ouviu a minha oração!

“Ouvi-me, santo bendito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um santo cristão;

“Que eu já deixei a Mafoma
E a sua lei do Alcorão;
E só quero a vós, meu santo,
Santo do meu Dom João.

II

“Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta,

“Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

“Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavaleiro abra-se
A chama de amor violenta.”

III

“Sacudi do alto do céu
Vossa capela de flores.
Que neste ramo queimado
Renasçam por meus amores.

“Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dores,
Neste coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

São João, meu São João,
Santo de tantos primores,
Nesta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!”

IV

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração:
Muita fé tem aquela alma,
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o santo bendito
Que, por sua intercessão,
Daquele êxtase acordava
Nos braços de Dom João.

III

O ANJO E A PRINCESA

O célebre erro cometido pelos Setenta na tradução do v. 2 do cap. VI do Gênesis, deu um poema inteiro a Thomas Moore, Os Amores dos Anjos (The Loves of the Angels). E deste partiu o pálido reflexo da Chute d'un Ange que apenas animam as belas pinturas de paisagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos próprios sítios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lemos na Vulgata: – *“Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant”*.

O padre Antônio Pereira verteu: – “Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre elas lhes agradaram mais”.

O padre João Ferreira de Almeida assim: – “Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram”.

Mas os Setenta não tinham entendido assim o texto hebraico, e em vez de – filhos de Deus, traduziram – anjos de Deus; erro, que ajudado pelos comentários poéticos de Philon, e pelas ficções do apócrifo Livro de Enoch, acendeu as imaginações meio pagãs de Tertuliano, de Lactâncio, e até de São Clemente-Alexandrino. Seja dito com o devido respeito a estes padres da Igreja: nem Hesíodo nem Ovídio estenderam fábula alguma do politeísmo por maiores desvarios do que eles poetizaram acerca desta ficção. Rejeitou- a todavia a maior parte dos Santos Padres. Deplorou- a como absurdo São João Crisóstomo, estigmatizou- a de loucura São Cirilo. Segundo eles as palavras – filhos de Deus – querem dizer: – os descendentes de Seth por Enos, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por estouras palavras – as filhas dos homens – devemos entender: – as filhas da corrupto raça de Caim. É opinião seguida sem disputa, na Igreja católica e em quase todas as outras, desde Santo Tomás até hoje.

O Targum de Onkelos, que é a mais antiga das paráfrases caldaicas, e a versão de Símaco traduziram – os filhos dos nobres ou grandes; a versão samaritana diz – os filhos dos juízes.

E parece que a palavra hebraica, Eloim, admite todas estas tão desvairadas interpretações.

Seja como for, daquele desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escritores místicos dos judeus e dos cristãos primitivos e dos gnósticos e de todas essas seitas do Oriente, e por fim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos cristianíssimos hoje, ambos eminentemente católicos – o francês talvez agora um tanto menos, – o inglês muito mais principalmente depois dessa última sua obra filólogo ortodoxa.

Eu porém não quis fazer mais do que uma “lenda- romance” como a comporia uru menestrel da Idade Média em cujas copias os donairosos sonhos da mitologia, assim como os severos mistérios da crença, tomavam sempre os hábitos sociais do seu tempo. Júpiter era Dom Júpiter, rei de coroa na cabeça e barbas até à cinta, rodeado de condes e de pajens, servido por nobres donzelas de espartilho e toucas altas; São Miguel e o próprio Lúcifer dois cavaleiros de lança em punho e escudo abraçado, justando em mui leal batalha nessas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo;– o Olimpo era um castelo feudal, e o Céu uma roca- forte. Em suma, sem princesas e cavaleiros não havia poesia para eles, nem a podia haver, porque essa era a vida que eles conheciam, o belo e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom bíblico desta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ar cavalheiresco ou romântico, próprio de um cultor da Gaia-Ciência. Veja-se no Cancioneiro de Resende como, ainda no século XV, o nosso João Rodrigues de Sá e Meneses traduzia – não tanto do latim para português, quanto do romano para romance, a epístola de Laodamia. Veja-se como o próprio Sá de Miranda na Égloga IV reconta as clássicas aventuras de Cupido e Psique, – verdadeira fonte também da muito romântica trovada história da Carochinha, A Bela e a Fera, que toda a gente sabe – ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma- vez a filha dê um rei, moça, linda, e rica herdeira do trono. Fugia das diversões e grandezas da corte para se entregar à meditação ria soledade. Adoece mortalmente enquanto el-rei seu pai anda à guerra. Volta ele triunfante e vem- na achar na derradeira agonia. O seu mal não o entendem os físicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão de amor El-rei está pronto a tomar para genro seja quem for, contanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princesa, e morre de mal de amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espírito –um gnomo, um silfo, um anjo – quem sabe o quê! – talvez outro Bertrand que se apoderou desta Rosália. – Ao menos, escapamos de segundo Roberto do Diabo, porque a boa da infanta era de consciência, e morreu antes disso.

E daí, quem sabe? seria anjo bom o que ela amava. Segundo São Basílio, De vera virginitate, não pode ser; segundo Tertuliano e São Clemente Alexandrino já se viu que podia ser.

Campolide, 5 de Outubro de 1842

À Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Marquesa da Fronteira

Esta lenda-romance foi escrita no seu Álbum Minha- Senhora, para cumprir uma promessa feita há tanto tempo, e por cujo desempenho tão retardado V. Ex^a teve a bondade de nunca ralhar comigo. Dedico- lha agora que sal Impressa; e é a primeira vez na vida que ofereço versos ou prosas minhas a pessoa que pudesse Imaginar devê-lo à sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a última, enquanto não fizer mais prosélitos e imitadores o espírito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar nesta ocasião o meu propósito tão firme e tão necessário nesta terra.

De V. Ex^a Criado e fiel cativo

ALMEIDA GARRETT.

Campolide, 20 de Outubro de 1842

O ANJO E A PRINCESA

*... Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or – ay, even that wit thee.*

MOORE, LOVES OF THE ANGELS

Oh que choros vão no paço
Oh que lutos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
A nossa linda princesa.

Os físicos não se entendem,
Vão-se uns e outros vêm;
Mas o mal que ela padece
Não lho descobre ninguém.

Nos olhos que se lhe enturvam,
Já treme a luz derradeira.
Reza o ofício da agonia
Negro monge à cabeceira.

Se inda chegará a tempo

Dessas guerras d'além-mar
O bom do rei que, inda possa
A sua filha abraçar!

A filha que ele ama tanto,
Única filha querida,
A menina dos seus olhos,
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto cativo,
Tanto despojo que traz!
Com vitórias o enganava
Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas do palácio
O real cortejo entrava,
Olha o rei a um lado e outro,
Nem uma voz o aclamava...

Pela filha que não via,
Não se atreve a perguntar,
Mas ao quarto da princesa
Foi direito sem parar:

– “Minha filha, minha filha!
Que tens tu, filha querida?”
E ela abria os olhos turvos
Que já não têm quase vida...

“A metade do meu reino,
Da minha c'roa real,
A quem salvar a princesa,
Quem acertar c'o este mal.”

A estas palavras do pai
Merieia a pálida frente,
Como quem diz: “Não o entendem,
Nem cura o meu mal consente.”

– “São pezares... não se sabe...”
Responde o físico- mor,
“Outro mal lhe não descubro...
Só se for o mal de amor.”

Um rubor desfalecido
Assomou na face lenta
Que já do suor da morte
Se cobria macilenta.

Os olhos que no pai tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de pejo e medo.
Para a terra os descaiu.

– “Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem for, será teu:
Jurei-o por tua vida.

“Seja ele ou rico ou pobre,
Seja fidalgo ou peão,
Desde já por genro o tomo,
E aqui lhe dou tua mão.”

Como quem o último esforço
De doce mágoa fazia,
Com inefável brandura
Os olhos ao pai erguia;

Suave longo suspiro
Dentre os lábios lhe fugiu
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um sinal lhe achavam
De letras que ninguém leu,
Que estranhas formas tomavam.

Sete sábios são chamados
Para haver de as decifrar:
Cada um sete línguas sabe.
Não as podem soletrar.

Só o mais velho dos sete,
Que andara na Palestina,
Disse: – “Outras letras como estas
Eu já vi numa ruína,

“Junto dos cedros do Líbano,
Já meio entre a terra e os céus,
Do tempo que às filhas do homem
Falavam anjos de Deus.

“Mas lê-las não sei nem posso:
Nem que soubesse, o fizera:
Segredos são de outro mundo
Que, neste, Deus não tolera.”

No alto daquele monte
Um alto cedro nasceu;
Os anjos o semearam,
Ou foram aves do céu.

Que ali cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro igual em todo o reino
Como aquele não havia:

Foi a noite que a princesa
Ali veio a sepultar:
Era um sítio seu querido
Donde soía de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sozinha, de quando em quando,
Com as estrelas do céu
Parecia estar falando;

E onde, uma noite sem lua
Que as estrelas mais brilhavam.
Houve quem visse nos ares
Umhas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
E ao pé da infanta parar
Um vulto... visão... ou sombra...
Mas sombra de luz sem par;

E foi desde aquela noite
Que a não viu mais rir ninguém.
Anjo era o que lhe falava...

Mas se de Deus... ou de quem?...

IV

O CHAPIM DEL-REI OU PARRAS VERDES

Foi verdadeiramente reconstruída esta xácara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, corno hoje se reconstruiria das pedras caídas de uma torre velha, – não exatamente o mesmo edifício, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou ali, seria mister empregar – mas quase a mesma coisa; na forma e nos materiais a mesmíssima.

Vieram-me de Évora os fragmentos por intervenção do sr. Rivara, o hábil e zeloso bibliotecário daquela cidade: são parte em prosa, parte em verso estado em que alguns destes fósseis se desenterram às vezes. Verifiquei depois que pelas vizinhanças de Lisboa se encontravam na mesma forma e quase os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o título de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares porque efetivamente creio que quadra mais aos desta espécie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, enquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente ele mesmo.

Nós temos, se me não engano, no gênero narrativo popular, as três espécies, romance, xácara, solau: no romance predomina a forma épica, conta e canta principalmente o poeta; na xácara prevalece a forma dramática, diz o poeta pouco, às vezes nada – falam os seus personagens muito: o solau é mais plangente e mais lírico, lamenta mais do que reconta o fato, tem menos diálogo e mais carpir; às vezes, como no Solau da Ama em Bernardim Ribeiro, não há senão o lamento de uma só pessoa que vai aludindo a certos sucessos, mas que os não conta.

Apesar do que levo dito no princípio destas linhas, como não posso negar que há bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e elas eram tão poucas e tão soltas, escrupulizei de pôr esta peça no II livro do Romanceiro para que me não acusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de fr. Bernardo de Brito.

A anedota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum fato que realmente acontecesse: – como, quando e onde? Não pude encontrar vestígio. É o que diz o pobre do conde, cismando:

O chapim aqui o tenho,
O chapim bem no topei: mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para no-lo dizer.

Lisboa, 27 de Março de 1843

O CHAPIM DEL-REI OU PARRAS VERDES

I

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas nela achei,
Tão maduras, tão coradas...
Estão dizendo “comei!”

– “Quero saber quem nas guarda;
Ide, mordomo, e sabei:”
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu naquele monte
– E como ele o viu não sei
– Essa dona emparedada,
Não se sabe porque lei;

Que por seu mal é condessa,
Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e vilã,
Antes pela minha fei!

Verdes parras tem a vinha:
Uvas que lhe vira el-rei
Tão maduras, tão coradas,
Estão dizendo “comei”!

II

Veio o mordomo do monte:
– “Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

“O dono foi-se a outras terras,

Quando volverá não sei;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

“Serve a chave à maravilha,
Tudo por fim ajustei:
Esta noite à meia-noite
Convosco à vindima irei.”

– “Valeis um reino, mordomo,
Grandes mercês vos farei:
Esta noite à meia-noite
Ricas uvas comerei.”

A vinha tem parras verdes,
Madura a uva lhe achei;
E tão madura, tão bela,
Que está dizendo “comei!”

III

Ao pino da meia-noite
Foi mordomo e foi o rei:
Doblas que deram à velha,
Um conto que nem eu sei.

– “Mordomo ficai à porta,
À porta que eu entrarei;
Não me saltem cães na vinha
Enquanto eu vindimarei.”

A porteira o que lhe importa
É o dá- me que te darei...
No camarim da condessa
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil aceso;
Era de prata, sabeis:
Não há senão prata e oiro
Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes,
As uvas maduras sei,
São tão coradas, tão belas...

Delas – quando comerei!

IV

No camarim da condessa
Tudo andava à mesma lei,
Era o céu daquele anjo:
Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Milão,
Toalhas de Courteney...
Tremia o rei... se era susto,
Se era de gosto não sei,

Cortinas de seda verde
Vai ergo não erguerei...
Tal clarão lhe deu na vista,
Como não caiu não sei.

Era uma tal formosura...
Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquele
Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lhe avistei,
Tão formosas, tão maduras,
Estão dizendo “comei”.

V

Dormia tão descansada
Como eu no céu dormirei
Quando for tão inocente...
Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
Ali fica o bom do rei,
Pasmado a olhar para ela
Sem bulir nem mão nem pei.

E dizia: – “Senhor Deus!
Perdoai-me o que já pequei,
Mas este anjo de inocência

Não sou eu que ofenderei.”

Tem verdes parras a vinha;
Lindas uvas que eu lhe achei,
Tenho medo que me travem...
Delas, ai! não comerei.

VI

Já vinha arraiando o dia,
E ele, como vos contei,
Ouve apitar o mordomo...
– “Jesus, senhor, me valei!”

Era o sinal ajustado
– Vindo o conde, apitarei
– Deixou cair as cortinas
Dizendo: “Não vindimei!”

Lindas parras tem a vinha,
Belas uvas nela achei;
Mas doeu- me a consciência,
Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
Que voava o bom do rei:
– “Ai que perdi um chapim...”
– “Tomai, que um meu vos darei:

“Mas nem um instante mais,
Que o conde já avistei
Descendo daquela altura;
Se nos colherá não sei...”

Era o medo do mordomo:
Outro era o medo do rei.
Qual deles tinha razão
Agora vo-lo direi.

Parras verdes viu na vinha,
Uvas maduras de lei;
Foi travo da consciência!

Diz: – “Delas não comerei.”

VIII

Chega o conde à sua torre,
O conde de Valderey,
Topou num chapim bordado...
Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa
– “Morrerá, matá-la- ei.”
Viu- a dormir tão serena:
– “Jesus! não sei que farei!”

Corre a casa ao derredor:
– “Deus me tenha em sua lei,
Que ou esta mulher é bruxa
Ou eu c'o chapim sonhei!

“O chapim aqui o tenho,
O chapim bem no topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não no crerei.”
Entrou a cismar naquilo:
– “Valha-me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo:
E eu como o não ficarei?”

Minha vinha tão guardada!
Uvas que nela deixei
Não é fruta que se conte...
De que me falta não sei.”

IX

Foi-se fechar no mais alto
Da torre de Valderey:
– “Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

“Minhas barbas e cabelos
Também mais os não farei,
Que esta verdade não saiba
Daqui me não tirarei.”

Verdes parras dessa vinha,
Uvas que eu não comerei,
Ficai-vos secas embora,
Que eu já agora – morrerei.

X

Por três dias e três noites
Que se guarda aquela lei;
Clama a triste da condessa:
– “Ao seu mal que lhe farei!”

De quem foi ela valer-se?
Agora vo-lo direi.
Foi lastimar-se a inocente...
Onde iria? – ao próprio rei.

– “Ide, condessa, ide embora,
Que eu remédio lhe darei;
O segredo do seu mal
Sei-o eu... Se o saberei?”

“Palavra de cavaleiro
Em lealdade vos darei,
Que ou ele há de ser quem era,
Ou eu, quem sou, não serei.”

As verdes parras da vinha,
As uvas que eu cobicei,
Elas a travar-me na alma...
E mais delas não provei!

XI

Fora dali a condessa,
Não tardou em ir o rei;
– “Quero ouvir o que eles dizem,
A esta porta escutarei.”

Ouviu uma voz celeste
Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
Este triste virelei:

– “Já fui vinha bem cuidada,
Bem querida, bem tratada:
Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
O porquê não sei
Nem no saberei!”

Com as lágrimas nos olhos
Foi dali o bom do rei:
– “Ouçamos agora o outro,
E o que sabe, saberei!”

– “Minha vinha tão guardada!
Quando nela entrei
Rastos do ladrão achei;
Se me ele roubou não sei:
Como o saberei?”

Era o conde a lastimar-se.
Sorrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
Que ele se ria não sei):

“Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
Uvas belas Nelas – vi:
E assim Deus me salve a mim
Como delas
Não comi!”

XII

A porta tinha uma fresta:
Tirou o chapim do pei,
Atirou-lho para dentro,
Disse-lhe: “Vede e sabe!”

Do mais que ali sucedeu
Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
E o rei soube – ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lá deixei:
Quem ma guardou foi o medo...
De Deus e da sua lei.

V

ROSALINDA

É verdadeiramente sublime, em toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que há de asqueroso numa sepultura desaparece do túmulo em que amor desfolhou os seus goivos: ali não há corrupção nem vermes: uma bela árvore, um rosal florido reproduzem em novas e mudadas formas os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva desses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que já animou aquele sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergôntes; cortam-nas e elas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELO, sente- o qualquer porque é belo deveras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a achamos nos romances e solaus de quantos povos entraram na grande comunhão romano- céltica, romano- teutônica, ou celto-teutônica: – talvez seja o modo mais exato de dizer, este último. O romance Prince Robert, publicado por sir Walter Scott, da tradição oral das raias da Escócia (*Minstrelsy of the Scottish border, etc., by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris, 1838 – 2 vol. pág. 125*), remata com estas copias:

*The tane was buried in Marie's kirk
The tother in Marie's quair;
And out o'the tane there spring a birk,
And out o' the tother a brier.*

*And thae twa met, and thae twà plat,
The birk but and the brier;
And by thar ye may very weel ken
They were twa lovers dear.*

Cito estas copias escocesas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: há muitos outros paralelismos, mais ou menos aproximados, nos romanceiros e cancioneiros de quase todas as línguas. Não é possível descobrir hoje onde nasceu a ideia original; no português é onde ela está mais lindamente

expressada e com mais “sentimento”. Na famosa história de Dom Tristão, apontada a este propósito por Sir Walter Scott, ocorre a mesma imagem.

“Ores veitil que de la tumber de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit te bout de la ionce sur la tumber d'Isseult, et entroit dedans.” Três vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continua o bom do historiador, Rusticien de Pise, “le lendemain estoit oussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.”

É um ponto luminoso raro as indagações filológicas na história das línguas modernas ou da sua poesia, que é a mesma coisa. É para mais ainda; porque a história do homem, por aqui a há de começar a estudar quem verdadeiramente a quiser saber.

Eu fiz este romance de três fragmentos diversos, tão fragmentos, que nenhum deles por si se entendia bem. O primeiro apareceu-me inserido no de Eginaldo, Reginaldo – ou Girinaldo, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiros envoltos com o de Claralinda ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam Clara niña, e ao romance o do Conde Claros.

No lugar competente do Cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituídos pela colação de outros fragmentos e de melhores cópias que depois me vieram. (*Vejo romance Claralinda; o romance Conde Nilo; ibid. o romance Peregrina.*)

Campolide, 8 de Setembro 1843

ROSALINDA

Era por manhã de Maio,
Quando as aves a piar,
As árvores e as flores,
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de Maio,
À fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
Ali se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a enfeitar.
Tão lindas flores como ela

Não nas puderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenúfar,
Mais pura que a açucena
Que a manhã abre a chorar.

Passava o Conde almirante
Na sua galé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar;

Cativos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
Deles são grandes senhores,
Deles de sangue real:

Que não há moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar,
Mas sai o Conde almirante
Na sua galé do mar.

Oh que tão linda galera,
Que tão certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

– “Dizei-me, oh Conde almirante
Da vossa galé do mar,
Se os cativos que tomais
Todos los fazeis remar?”

– “Dizei-me, a bela Infanta,
Linda rosa sem igual,
Se os escravos que lá tendes
Todos vos sabem tocar?”

– “Cortês sois, Dom Almirante;
Sem responder, perguntar!”
– “Responder, responderei,
Mas não vos heis-de enfadar:

“Cativos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;

Uns que mareiam as velas,
Outros no banco a remar.

“As cativas que são lindas
Na popa vão a dançar,
Tecendo alfombras de flores
Para o senhor se deitar.”

– “Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

“Deles para me vestir,
Deles para me tocar...
Para um só tenho outro emprego,
Mas está por cativar...”

– “Cativo está, tão cativo
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
Voga certo, e a varar!”

Já se foi a Rosalinda
Com o Almirante a folgar.
Fazem sombra as laranjeiras,
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem desar,
Faz que um monteiro del-rei
Por ali venha a passar.

– “Oh monteiro, do que viste;
Monteiro, não vás contar:
Dou- te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.”

Tudo o que viu o monteiro
A el-rei o foi contar,
A casa da Estudaria
Onde el-rei estava a estudar.

– “Se à puridade o disseras,

Tença te havia de dar:
Quem tais novas dá tão alto,
Alto há de ir... a enforcar.

– “Arma, arma, meus archeiros
Sem charamelas tocar!
Cavaleiros e piões,
Tudo à tapada a cercar.”

Inda não é meio-dia,
Começa a campá a dobrar;
Inda não é meia-noite,
Vão ambos a degolar.

Ao tope de ave-marias
Foram ambos a enterrar:
A Infanta no altar- mor,
Ele à porta principal.

Na cova da Rosalinda
Nasce uma árvore real,
E na cova do Almirante
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,
Mandou os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar:
E o vento que encostava,
E eles iam-se abraçar,

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde falar;
A Rainha, que tal soube,
Caia logo mortal.

– “Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois inocentes
Que Deus queria juntar!”

VI

MIRAGAIA

E a terceira vez que se imprime o romance Miragaia; só agora porém vai restituído ao seu devido lugar neste primeiro livro do Romanceiro. Publicou-se primeiramente no *Jornal das Belas-Artes* (*Jornal das Belas- Artes, Lisboa, 1855 vol. I*), foi logo vertido em inglês não sei por quem, e não me lembra em que publicação apareceu, nem o acho.

Traduziu-o em francês um curioso (*Mr. Zanole, que foi depois, em 1848- 1849, adido à legação francesa na China*); e não me meto a apreciar a que ele modestamente chama imitação do meu romance; dou- a em apêndice.

Também sei que existe uma versão castelhana pelo sr. Isidoro Gil, o mesmo que neste idioma traduzira o Bernal- Francês. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatela aos Srs. editores do *Jornal das Belas- Artes* para encherem algum vão que lhes sobrasse naquela sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do próprio rascunho original que não tive paciência de copiar, as seguintes palavras:

“Este romance é a verdadeira reconstrução de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da história rezada ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do lugar. O conde D. Pedro e os cronistas velhos também fabulam cada um a seu modo sobre a legenda. O autor, ou, mais exatamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sobretudo quis ser fiel ao estilo, modos e tom de contar e cantar dele; sem o que, é sua íntima persuasão que se não pode restituir a perda nacionalidade à nossa literatura.”

O Post-scritum, servindo de nota ao comento, saiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisonjeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como eles mereciam por sua gentil empresa, que era a mais bela e das mais úteis que se têm cometido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha Miragaia com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permitirem que se fizesse com elas a pequena edição em separado com que quis brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era um folha avulsa do meu Romanceiro, e nele vai reposta agora que se oferece tempo e lugar conveniente.

Foi das primeiras coisas deste gênero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscência da poesia popular que me ficou da infância, porque eu abri os olhos à primeira luz da razão nos próprios sítios em que se passam as principais cenas deste romance. Dos cinco aos dez anos de idade vivi, com meus pais numa pequena quinta, chamada “O Castelo” que tínhamos aquém Douro, e que se diz tirar esse nome das ruínas que ali jazem do castelo mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquíssima de Nossa Senhora com a mesma invocação do Castelo' e com a sua legenda popular também, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sítios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja água é deliciosa com efeito; e tenho ideia de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de São Miguel, os toques da buzina de S. M. Leonesa, empoleirando-me, como ele, num resto da muralha velha do castelo del-rei Alboazar: o que meu pai desaprovou com tão significativa energia, que ainda hoje me lembra também.

Assim olho para esta pobre Miragaia como para um brinco meu de criança que me aparecesse agora; e quero-lhe – que mal há nisso? – quero-lhe como a tal. Não a julguem também por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1847

MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrelas de oiro
Quem nas poderá contar!

Quantas folhas há no bosque,
Areias quantas no mar?
Em tantas letras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
Nessas letras decifrar!

Que a ler no livro de Deus
Nem anjo pode atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de ele a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia afirmar
Que Zahara, a flor da beleza,
Lhe devia de tocar.

O rei veio de cilada
De além do Doiro passar,
E furtou a linda moita,
A irmã de Alboazar.

A Melhor, que é terra sua
E está na beira do mar,
Se acolheu com sua dama...
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha.
Não se pode consolar;
Deixá-la por essa moita,
Deixá-la com tal desar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar...
Ela sozinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

– “Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Em que te errei de alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

“Diz que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar.
Mas tu dizias- me dantes
Que eu era bela sem par.

“Que é moça, na flor da vida...

Eu, se ainda bem sei contar,
Há três que tinha vinte anos,
Fi-los depois de casar.

“Diz que tem os olhos pretos,
Destes que sabem mandar...
Os meus são azuis, coitados!
Não sabem senão chorar.

“Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ela a flor não torna a achar.

“Oh! quem pudera ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fora já direita
A esse moiro Alboazar...”

Palavras não eram ditas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palácio viu estar;

– “Peronela, Peronela,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aqueles
Que por ali vejo andar?”

Peronela não responde;
Que havia de ela falar?
Ricas peitas de oiro e jóias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavaleiros
A foram logo cercar;

Soltam pregas de um turbante,
A boca lhe vão tapar:
Três a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados de sua casa
Nenhum veio a seu chamar;
Ou peitados ou cativos
Não na podem resgatar.

São sete os moiros que entraram
Sete os estão a aguardar;
Não falam nem uns nem outros
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar...
Juntos juntos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo,
Por vales a desfilar.

Nos ribeiros – peito na água,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos valados
Up! Salto – e a galgar!

Vai o dia alvorecendo,
Estão à beira do mar,
Que rio é este tão fundo
Que nele vem desaguar?

A boca já tinha livre.
Mas não acerta a falar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

– “Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de mau navegar,
Dize-me, essas tuas águas
Adonde as foste buscar;

“Dir-te- ei a pérola fina
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio,
O rio corte a lá mar.

“Quem me roubou minha jóia,
Sua jóia lhe fui roubar...”
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares Gala,
Mais formoso o hás de achar.
– “Que de barcos que ali vêm!”
– “Barcos que nos vêm buscar.”
– “Que lindo castelo aquele!”
– “É o do moiro Alboazar.”

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cobiçar!...
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aqueles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E eles mansinho a remar!

Coseram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros,
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá naquele andar?
Leva bordão e esclavina,

Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castelo
Vai um romeiro a cantar:

– “Santiago de Galiza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se há de voltar.”

Na encosta do castelo
Uma fonte está a manar;
Donzela que está na fonte
Pôs-se o romeiro a escutar.

A donzela está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
– “Bendito sejais, romeiro
E o vosso doce cantar!

“Por estas terras de moiros
É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tão santas,
Cantigas do meu criar.

“Sete padres as cantavam
Á roda de um bento altar,
Outros sete respondiam
No coro do salmear.

“Entre vésperas e completas,
E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

“E as rezas destes moiros
Ao demo as quisera eu dar.”
Ouvireis ora o romeiro
Resposta que lhe foi dar:

– “Deus vos mantenha, donzela,
E o vosso cortês falar:

Por estas terras de moiros
Quem tal soubera de achar!

“Por vossa tenção, donzela,
Uma reza hei- de rezar.
Aqui ao pé desta fonte,
Que não posso mais andar.

“Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sede de matar!
Que Deus vos salve, donzela,
Se aqui me deixais sentar.”

– “Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a água,
Tem virtude singular:

“Doutra não bebe a rainha
Que aqui ma manda buscar
Por manhãzinha bem cedo,
Antes do sol aquestar.”

– “Doce água deve ser,
De virtude singular:
Dai-me vós uma vez dela,
Que me quero consolar.”

– “Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.”

– “Dona Gala que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...”

– “Inda era noite fechada
Meu senhor foi a caçar:
Maus javardos- o detenham,
Que é bem ruim de aturar!

“Minha senhora, coitada,

Essa não tem que falar:
Quem já teve fontes de oiro
Prata não sabe zelar.”

– “Pois um recado, donzela,
Agora lhe heis-de levar;
Que o romeiro cristão
Lhe deseja de falar.

“Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pesar,
Que à hora de sua morte
Este anel lhe quis mandar.”

Tirou o anel do dedo
E na jarra o foi deitar:
– “Quando ela beber da água
No anel há de atentar.”

Foi-se dali a donzela
la morta por falar...
– “Anda cá ó Peronela,
Criada de meu mandar.

“Tua ama morrendo à sede
E tu na fonte a folgar?
– “Folgar não folguei, senhora,
Mas deixei-me adormentar,

“Que a moira vida que eu levo
Já não na posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai Melhor da Beira- mar!

“Aquela sim que era vida,
Aquilo que era folgar!
E em santo temor de Deus:
Não aqui neste pecar!”

– “Cal'- te, cal'- te, Peronela,
Não me queiras atentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar,

“Mas já tenho perdoado
A quem lá me foi roubar;
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

“Forte cristandade aquela,
Bom era aquele reinar!
Viver só, desamparado,
Ver a moira em meu lugar!...”

Lembrava-lhe a sua ofensa,
Está-lhe o sangue a queimar;
Na água fria da fonte
A sede quis apagar.

A fonte de prata virgem
À boca foi a levar,
As ricas pedras do anel
No fundo viu a brilhar.

– “Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro na água,
E ela fria de nevar!”

– “Senhora, co esses feitiços
Me tomara eu embruxar!
Foi um bendito romeiro
Que à fonte fui encontrar,

“Que aí deitou esse anel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe,
Com que muito heis-de folgar.”

– “Venha já esse romeiro
Que lhe quero já falar:
Embaixador deve ser
Quem trás presente real.”

CANTIGA TERCEIRA

– “Por Deus vos digo, romeiro,
Que vos queirais levantar;
Minhas mãos não são relíquias,
Basta de tanto beijar!”

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

la a enfadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lágrimas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rolar:

– “Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pesar?
Diga-me lá suas penas
Se lhas posso aliviar.”

– “Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

“Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pesar!
Que uma rainha cristã
Feita moira vim achar...”

– “Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:
Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é desar.

“Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o pecar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe há de tomar.”

– “Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que pode tardar:
Dom Ramiro, aqui o tendes,
Mandai-o já castigar.”

Em pé está Dom Ramiro,
Já não há que disfarçar:
Aquelas barbas tão brancas
Caíram de um empuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar;
Não há ver mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aqueles
Com o que ela está a mirar!
Quem passou já transes de alma
Como ela está a passar!

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdoa ele e vive,
Ela não – que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triunfar
Num coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
C'os seus no monte a caçar,
Ela só naquela torre...

Prudência e dissimular!

Abre a boca a um sorriso
Doce e triste – de matar!
Tempera a chama dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquele encanto
Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
Fala o céu no seu falar,

Já os amargos queixumes
Se embrandecem no chorar,
E em sua própria justiça
Com arte finge afrouxar.

Protesta a boca a verdade:
– “Que não há de perdoar...”
Mas a verdade dos lábios
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Ali se estava a humilhar,
Suplica, roga, promete...
Ela parece hesitar.

Senão quando, uma buzina,
Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar:

– “Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar.
Depressa neste aposento...
Ou já me vereis matar.”

Mal a chave deu três voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cota,
Que o rei moiro vinha a entrar:

– “Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pesar!

Primeira vez em três anos
Que me sucede este azar!...

“Toquei a minha buzina
Às portas, antes de entrar,
E não correste às ameias
Para me ver e saudar!

“Muito mal fizeste, amiga,
Em tão mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar..”

No coração da rainha
Batalhas se estão a dar
Os mais estranhos afetos
Que nunca se hão de encontrar:

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triunfar,
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar.

“Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomai esta chave e abride,
Vereis se são de pesar.”

Com que ânsia ele abriu a porta
Vista que foi encontrar!...
Palavras que ali disseram,
Não nas saberei contar;

Que foi um bramir de ventos,
Um bater de águas no mar,
Um confundir céu e terra,
Querer-se o mundo acabar.

Vereis por fim o rei moiro

Que sentença veio a dar:
– “Perdeste a honra, cristão;
Vida, quero ta deixar...

“De uma vez, que me roubaste,
Muito bem me fiz pagar:
Desta basta-me a vergonha
Para de ti me vingar.”

Sentia-se el-rei Ramiro
Do despeito devorar;
Com ar contrito e afligido
Assim lhe foi a falar:

– “Grandes foram meus pecados,
Poderoso Alboazar;
E tais que a mercê da vida
De ti não posso aceitar:

“Eu não vim a teu castelo
Senão só por me entregar,
Para receber a morte
Que tu me quiseses dar;

“Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor
A quem me fui confessar.

“E mais me disse e. Mandou
E assim to quero rogar,
Que, pois foi pública a ofensa,
Público seja o penar:

“Que aí nessa praça de armas
Tua gente faças juntar;
Aí diante de todos
A vida quero acabar.

“Tangendo nesta buzina,
Tangendo até rebentar;
Digam todos que isto virem,
E lhes fique de alembrar:

“Grande foi o seu pecado,
No mundo andou a soar;
Mas a sua penitência
Mais alto som veio a dar.”

Quisera-lhe o bom do moiro
Por força ali perdoar;
Mas se a perra da rainha
Jurou de à morte o levar!...

Veis na praça do castelo,
Toda a moirama a ajuntar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas léguas à roda
Reboava o buzinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou à beira- mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

– “Santiago!... Cerra, cerra!
Santiago, e a matar!”
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leoneses
Já portas adentro a entrar.
Deixa a buzina Ramiro,
Mão a espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,

Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou cativo.
Já o castelo está a queimar;
Às galés com seu despojo
Se foram logo a embarcar.

– “Voga, rema! d’além Doiro
À pressa, à pressa a passar,
Que já oiço ali na praia
Cavalos a relinchar.

“Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular
Voga, voga, que além Doiro
É terra nossa!... A remar!

“Daqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Tomar.
Voga, rema, e d’além Doiro!
D’aquém não há que fiar.”

À popa vai Dom Ramiro
De sua galé real
Leva a rainha à direita,
Como quem a quer honrar:

Ela muda, os olhos baixos
Leva na água... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desafrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem nisso a atentar;
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega
O alcáçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;.

As lágrimas, uma e uma
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ela as chorar.

Olhou el-rei para Gala,
Não se pôde mais calar;
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pesar.

Do mau termo atraídoado
Que com ele fora usar
Quando o entregou ao moiro
Tão só para se vingar.

Com voz enternecida
Assim lhe foi a falar.
– “Que tens Gala... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

“Que o feito é feito...”
– “É bem feito!” Tornou-lhe ela a soluçar,
Rompendo agora nuns prantos
Que parecia estalar;

“É bem feito, rei Ramiro
Valente ação de pasmar!
À lei de bom cavaleiro,
Para de um rei se contar!

“À falsa fé o mataste...
Quem a vida te quis dar!
À traição... que de outro modo,
Não és homem para tal.

“Mataste o mais belo moiro
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e cristãos
Nunca mais não terá par.

“Perguntas- me porque choro!...
Traidor rei, que hei- de eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços;
Que a teu poder vim parar.

“Perguntas o que miro?
Traidor rei, que hei- de eu mirar
As torres daquele alcáçar,
Que ainda estão a fumegar.

“Se eu fui ali tão ditosa,
Se ali soube o que era amar,
Se ali me fica alma e vida...
Traidor rei, que hei- de eu mirar!”

– “Pois mira, Gaia!
E, dizendo, Da espada foi arrancar:
“Mira, Gaia, que esses olhos
Não terão mais que mirar”.

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fora empuxa o corpo
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memória está a durar;
Gaia é o nome do castelo
Que ali Gaia fez queimar:

E d’além Doiro, essa praia
Onde o barco ia aproar
Quando bradou – “Mira, Gaia?”
O rei que a vai degolar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem – Miragaia
Daquele fatal mirar.

VII

POR BEM - AS PEGAS DE SINTRA

Dou aqui lugar a esta composição, que moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anedota devera ter sido celebrada pelos

menestréis do tempo: não o foi, e eu procurei suprir o seu descuido. Não aparece pois em meu nome, senão no deles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez saiu de minha carteira a presente balada foi para se imprimir na *Ilustração* (*Ilustração, vol. II, nº 5, 1 de Agosto de 1846*), jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ela aqui também a carta que então escrevi ao redator daquele jornal, porque deveras contém a história de sua composição.

Eis aqui a carta: “Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redator, para a sua *Ilustração*, que realmente faz milagres no meio desta escassez de tudo, e destes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido há muito. Mas como, mas quando E que há de um homem, escrever que se leia – que se leia por damas belas e elegantes cavalheiros – quando lhe anda entalado nos bicos da pena o fatal fio da política, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?

“Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organizações ministeriais, e não sei que mais coisas tais, foi-se-me de todo a derradeira reminiscência literária que ainda por cá havia. Tenho saudade dela, mas foi-se, “morreu pela pátria!”

“Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

“Eu porém nunca prometi, que faltasse, a homem nenhum - nem a mulher, que mais é! O ponto está que me aceitem em pagamento aquilo que eu posso dar. Que, às vezes, o mau pagador não é mau senão pelas absurdas e excessivas exigências do credor. Axioma da eterna verdade, especialmente quando aplicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pai Adão e as representantes de nossa mãe Eva...

“Passemos adiante. Quer, senhor redator, aceitar-me, em pagamento da letra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projetos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo gênero?

“Se quer aqui o tem e disponha dele. “Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito. “Estava eu em Sintra, foi em. Que importa lá quando foi? Basta saber que não era nessa estação fashionável em que a elegância de Lisboa se vai enfastiar classicamente para o mais romântico sitio da terra. Era na primavera; passeavam dois sós, ou quase sós, naquele Éden delicioso. Fornos ver o palácio; chegamos à sala das pegas. Pegas são chocalheiras e linguarudas; eu detesto o bicho... e neste tempo, estava-lhe com zanga de morte...

“Abominável bicho! Isto já lá vai há muito tempo, meu caro redator, e ainda me faz ferver o sangue...

“Passemos adiante! “Perguntaram-me a explicação daquelas pegas da sala. Conte a história popular que é tão sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pusesse em verso: fiz isto.

“E isto que é? Não sei. É romance ou é apólogo? É fábula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador dessas coisas; que fará agora!

“O que lhe sei dizer é que no século XVI a XVII, segundo consta do Fidalgo aprendiz do nosso Francisco Manuel de Meio, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

*Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando.*

“Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por ele; mas engracei com este princípio, e servi-me dele aqui. Acha mal feito? Eu não.

“Se soubesse, meu caro senhor, todas as circunstâncias desta composição! Se soubesse de certa pega ou pegas que me perseguiram com o seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, elas pegas, as manhas que só elas têm!

“Mas ficou lograda a pega e... “Adeus, meu amigo, outra vez, adiante! O gavião, e sobretudo o gavião branco – note – é animal nobre, de espécie, gênero e até de família diferente da pega.

“Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a pátria.”

Julho, 22 – 1846

**POR BEM
AS PEGAS DE SINTRA**

Gavião, gavião branco
Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem no feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é calado,
Vai ferido e vai voando;

Assim fora a negra pega
Que há de sempre andar palrando.

A pega é negra e palreira,
O que sabe vai cantando...
Muito palra, palra a pega
Que sempre há de estar pairando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem às vezes, falando,
O segredo dos sisudos
Que eles não guardam calando.

Era uma pega no paço
Que el-rei tomara caçando;
Trazem-na as damas mimosa
Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Sintra
Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
No jardim andam folgando,

Entre açucenas e rosas,
Entre os goivos trabalhando;
Umas regavam as flores,
Outras as vão apanhando:

E a minha pega com elas
Sempre, sempre palreando
Vinha el-rei atrás de todos
Com Dona Mécia falando,

Era a mais formosa dama
Que andava naquele bando;
No ombro de Dona Mécia,
A pega vinha poisando.

E zelosa parecia
Que os andava espreitando...
Colhera el-rei uma rosa,
A Dona Mécia a ia dando,

Com um requebro nos olhos

Tão namorado e tão brando...
Inda bem, minha rainha.
Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a donzela,
Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pega
Que lha tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia...
E a rainha voltando,
Deu com os olhos em ambos...
Ambos se estão delatando.

– “Foi por bem!” – lhe disse o rei,
Seu acordo recobrando:
– “Foi por bem!” – “Por bem” repete
A pega em torno voando.

– “Por bem, por bem!” grasna a tonta,
De má malícia cuidando
Co'a chocalheira da língua
Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem às vezes falando
O segredo dos sisudos
Que eles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pega,
E ficou acreditando
Que a inocência do caso
Nela se estava provando:

Da pega mexeriqueira,
Do bem que fez, mal pensando,
Nos reais paços de Sintra
A memória está durando.

E eis aqui, senhora, a história
Da pega que aí vez parlando,
Da rosa que tem no bico,
Da letra que a está cercando,

A pega é negra e palreira,
O que sabe vai contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem segredo falando.

O Gavião, esse é outro;
Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem no feriu...
Gavião, gavião branco!

NOTAS

AO BERNAL – FRANCÊS

– *“Quem bate à minha porta,
Quem bate, oh! quem está aí?”...*

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memória do povo, e somente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da Adozinda, em 1828. Já noutra parte se deram as razões por que irá agora o texto no lugar competente do Romanceiro, no segundo livro e segundo volume dele. (Nota da segunda edição).

À NOITE D. SÃO JOÃO

Té os moiros da Moirama Festejam a São João...

É uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de São João, que naquelas terras ninguém dorme, como é sabido. A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirmã daquelas do dia de Maio, que o católico senado municipal votou e prometeu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas São João fez-se um santo de exemplar tolerância desde que lhe tiraram a cabeça por ele não poder ver, sem ralhar, as desenvoltas pernas da bailadeira Herodíade.

Não quero folgar com o que é sério: mas é notável que a devoção quase universal dos cristãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do ano, ao austero precursor do Cristo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortesã, o protomártir da moralidade evangélica.

Seria que a tímida singeleza de nossos passados fosse de propósito buscar aquele austero e invisível inspetor de seus ainda então inocentes brinquedos? (Nota da segunda edição).

AO CHAPIM DEL-REI

Nós temos, se me não engano, no gênero narrativo popular as três espécies, romance, xácara, solau...

Esta classificação é em parte conjectural, ou para falar com mais propriedade, sim esta é a regra, mas com tantas exceções que chegam a fazer duvidar dela.

Os que escreviam e compunham naqueles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. Dai veio uma certa anarquia, constituída e fundada no exemplo, ou na falta dele, que se prolongou por muitos séculos depois.

A respeito de solaus, por exemplo, temos para abonar a definição que deles se dá no lugar anotado, a autoridade imensa de Bernardim Ribeiro na Menina e Moça: aí cap. 21:

Pondo-se a ama a pensar a menina sua criada, como sola, como pessoa agastada de algũa nova dor, se quis tornar às cantigas; e começou ela então, Contra a menina que estava pensando, a cantar-lhe um cantar à maneira de solau, que era o que, nas coisas tristes, se acostumava nestas partes, e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave peso de Sá de Miranda na Égloga 4:

Que se os velhos solaus falam verdade, Bem sabe ela por prova como Amor Mágoa, e haverá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o solau é como deixa dito um cantar todo lírico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a província do romance. (Nota da segunda edição).

Veja o que a este respeito se escreve no liv. II do Romanceiro. (Nota da terceira edição).

*Antes ser pobre e vilã,
Antes, pela minha fei...*

Nas províncias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras, fé, pé e semelhantes – fei, pei, etc. Talvez seja devido à antiga ortografia que nas vogais longas, o, e, dobrava as letras em vez de as carregar com acento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última letra, fazendo o som mais suave. (Nota da segunda edição).

*Sem bulir nem mão nem pei...
Veja nota antecedente. (Idem)*

À ROSALINDA

*Era por manhã de Maio
Quando as aves a piar...*

O mês de Maio foi sempre o válido dos poetas populares de todas as nações: um sem número de cantigas dos trovadores provençais, dos menestréis normandos e saxônios, dos minnesingers alemães começam com estas alegrias do mês de Maio. Citarei dos minnesingers de que encontro apontamentos por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bela canção do tirolês Steinmar começa:

*Ich will gruen mit der sat
Dú so wunneklichen stat;
Ich wil mit dien biuomen bluen,
Und mit den vohelin singen
Ich wil louben so der walt,
Sam du hei de sin gestalt, etc.*

Outra do margrave Otão de Brandeburgo:

*Uns kumt aber ein liehter meie
Der machet manig herze fruot, etc.*

Estoutra do duque de Breslau é uma espécie de drama lírico entre o poeta⁹ Maio, as flores, o bosque e o prado:

Ich clage dir, meie ich elage dir, sumer wunnel, etc. Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1266 a 1299 e foi o objeto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais belas e extraordinárias composições daqueles séculos. (Nota da segunda edição).